

4

A concorrência entre **para** e **por** com valor final

4.1

Do século XIII até a fase moderna do português

De acordo com o já apontado no capítulo 2 (2.2), é possível observar-se a concorrência entre **para** e **por** na expressão da finalidade em etapas mais antigas da história do português.

Nesta seção, tomaremos como base das reflexões dois outros trabalhos de Bomfim, relativos ao tema de que estamos tratando. O primeiro de 2000 e o segundo, capítulo de livro no prelo²⁸.

No trabalho de 2000, a autora apresenta um *corpus* abrangente a partir de textos dos séculos XIII ao XVI, visando à distribuição das preposições **para** e **por** com valor final. Os dados são de obras representativas do português arcaico, do português arcaico médio e do português moderno:

1. Excertos do *IV Livro de Linhagens* (séc. XIII – XIV);
2. *A Demanda do Santo Graal* (tradução do francês, provavelmente do fim do século XIII ou do início do XIV);
3. *Crônica Geral de Espanha*, de 1344, (fins do século XIV ou início do XV);
4. *Livro da Enseñança do Bem Cavalgar Toda Sela*, de D. Duarte (século XV) e;
5. *Esmeraldo de situ orbis*, de Duarte Pacheco Pereira (início do século XV).

Segundo observações de Bomfim, nos textos mais antigos (*Livro de Linhagens* – LL e *A Demanda do Santo Graal* – DSG) **para** já se insinua indicando finalidade (encontramos 26% no LL e 10% na DSG), concorrendo com **por**.

Acompanhando os dados da autora, notamos que há equilíbrio na *Crônica Geral de Espanha* (CGE) com vantagens para **por** (56,6%) e predomínio de **para**

²⁸ Cf. Referências Bibliográficas.

(70%) no *Livro da Ensinança do Bem Cavalgar Toda Sela (LE)* e no *Esmeraldo de situ orbis (ESO)*, com 58% das ocorrências. Como se vê, a situação se inverte e **pera** passa a ter preferência sobre **por**.

O *corpus* foi ampliado, em um primeiro momento, com dados do Canto I (integral) de *Os Lusíadas*, com o resultado de 48% para **por** e 57% para **pera/para** com o valor de finalidade. Partindo desses resultados de Bomfim, podemos estabelecer:

- 1 – nos textos mais antigos (português arcaico), a finalidade é expressa preferencialmente pela preposição **por** e;
- 2 – há ligeiro declínio de **por** final no português arcaico médio (séc. XV/XVI), que se confirma nos dados de *Os Lusíadas (Lus)* (português moderno).

Numa segunda ampliação do *corpus*, Bomfim considerou dados de outros textos do século XVI, anteriores à publicação de *Os Lusíadas*, a saber:

- 1 – texto da *Gramática* de Fernão de Oliveira (GFO) (1536) e;
- 2 – Parte IV da *Década I da Ásia* de João de Barros (Dec) (1552).

De posse dos resultados apresentados por Bomfim, passamos a propor uma síntese da situação da concorrência entre **pera/para** e **por** finais, na Tabela 2 a seguir, de nossa responsabilidade, concentrando-nos nos percentuais encontrados:

Tabela 2

Pera/para e por com valor final (do século XIII ao XVI)

| Época/data | Texto | Por % | Pera/Para% | Total |
|---------------|-------|-------|------------|-------|
| Séc. XIII | LL | 74% | 26% | 100% |
| Séc. XIII/XIV | DSG | 90% | 10% | 100% |
| Séc. XIV/XV | CGE | 56% | 44% | 100% |
| Séc. XV | LE | 30% | 70% | 100% |
| Séc. XVI | ESO | 42% | 58% | 100% |
| 1536 | GFO | 9% | 91% | 100% |
| 1552 | Dec | 16% | 84% | 100% |
| 1570 | Lus. | 27% | 73% | 100% |

É bom observar que os três últimos textos, localizados no século XVI, são datados. Eles foram publicados, respectivamente, em 1536, 1552 e 1570. Inserem-se, portanto, no português moderno, com exceção da *Gramática* de Fernão de Oliveira, que fica no limite. O ESO, segundo Epiphanyo Dias, na edição crítica do texto, foi escrito, provavelmente, entre 1505 e 1527, situando-se, portanto, no final da fase do português arcaico médio.

Acompanhando-se cronologicamente os percentuais, tem-se uma noção clara da variação entre as duas preposições com valor final do português arcaico ao português moderno. De início, **por** predomina sobre **pera**, observando-se uma tendência ao equilíbrio na CGE. Já no século XV, a situação se inverte. Na primeira metade do século XVI, no ESO, nota-se uma situação de equilíbrio que não se mantém nos dados dos três textos representativos do português moderno, onde se verifica uma preferência significativa de **pera/ para** com valor final.

Neste ponto, é possível constatar que é a partir do século XV que se observa o declínio de **por** final em textos formais. Ocorreu-nos investigar a situação do fato em estudo em um texto representativo da linguagem informal do século XV: o *Livro de Cozinha da Infanta D. Maria* (LC), transcrição do Códice Português I.E. 33 da Biblioteca Nacional de Nápoles²⁹. Existe uma edição brasileira, com o título de *Um Tratado de Cozinha*, do século XV, preparada por Antônio Gomes Filho, Rio de Janeiro: INL, 1963.

²⁹ Cf. Referências Bibliográficas.

Utilizamos a edição portuguesa e restringimo-nos ao conjunto de receitas agrupadas sob o título “Cadernos dos manjares de carne”. São ao todo 26 receitas, num total de 22 páginas. Na edição pesquisada, encontramos quatro tipos de construção indicando finalidade: **pera** + substantivo; **pera** + infinitivo; **por que** + verbo no subjuntivo e **que** + verbo no subjuntivo, equivalendo à construção anterior.

Seguem-se exemplos retirados do texto:

- Com **pera**, regendo verbo no infinitivo ou regendo substantivo:

(49) (...) e **pera** estes pastéis será muyto mais saborosos deitarão na massa a carne crua. (LC, p. 10-12).

(50) (...) e depois dele posto na tijela segarlheão os cheyros por syma asy como **pera** salada (...) (LC, p. 50).

- **Por que**, com verbo no subjuntivo:

(51) (...) tomarão a lãoprea lavada cõ agoa quemte e tirarlheam a tripa sobre huã tegela nova **por q** caya o sangue nela (...) (LC, p.32).

(52) (...) ã cada pastel metem hũ bolo rredondo demtro **por q** não fure o fundo do pastel (...) (LC, p. 38).

- **Que**, com subjuntivo:

(53) tomarão humã duzia de frãgaãos e polosam ã parte **q** andem soos (...) (LC, p. 24).

(54) (...) e esta folha não ade ser partyda em pedaços senão emteyra e depois destemdida cortar-lhe as bordas q fyquem rredondas (...) (LC, p, 38).

A Tabela 3 a seguir apresenta o emprego das estruturas em estudo no texto e os seus percentuais de ocorrência.

Tabela 3
Expressão da finalidade no LC da Infanta D. Maria

| Construção | pera + substantivo | pera + infinitivo | por que + subjuntivo | que + subjuntivo | Totais |
|-------------|---------------------------|--------------------------|-----------------------------|-------------------------|--------|
| Ocorrências | 3 | 6 | 3 | 2 | 14 |
| % | 21,5% | 43% | 21,5% | 14% | 100% |

Juntando de um lado as ocorrências com **pera** e, de outro, acrescentando às de **por que** os dois casos de **que** + subjuntivo, propomos a Tabela 4.

Tabela 4
Pera e por expressando finalidade no LC da Infanta D. Maria

| Preposição | pera | por | Totais |
|-------------|-------------|------------|--------|
| Ocorrências | 9 | 5 | 14 |
| % | 64% | 36% | 100% |

Comparando-se esses percentuais com os apresentados na Tabela 2, tem-se que:

1. a amostra de linguagem informal está bem próxima da linguagem do ESO (início do século XVI) e equilibrada com relação ao texto formal do século XV (LE) e;

2. os percentuais relativos ao português moderno (Lus) são condizentes com os da fase final do português arcaico médio.

Chamam a atenção os percentuais relativos aos dados da *Gramática* de Fernão de Oliveira que revelam uma estrutura em vias de extinção: a preposição **por** expressando finalidade. No corpo da obra, o assunto não vem tratado pelo autor. Aliás, o trabalho não é sistematizado nos moldes de uma gramática, embora revele ideias muito avançadas para a época, além de uma fina intuição linguística. O desempenho linguístico de Oliveira está de acordo com suas ideias de vanguarda. Como exemplo para ilustrar esta afirmação, busquemos o que diz sobre a primeira pessoa do singular do indicativo do verbo **ser**. Ele afirma que coexistem as formas **som**, **são**, **sou** e **so** e declara ter preferência por esta última.

Som é a forma diretamente proveniente do latim **sum**. Por sua vez, **são** decorre da uniformização das nasais finais – **am** e – **om** no ditongo – **ão**. **Sou** é forma analógica e **so** representa a pronúncia normal do ditongo **ou** reduzido a **ô**. Não podemos nos furtar a tecer comentários sobre o assunto. A apresentação dessas variantes, assinalando que estão vivas na época, é um documento precioso para o leitor de hoje, sobretudo porque Oliveira confessa que na sua juventude era alvo de zombaria por usar a forma **som** segundo o que aprendera na Beira. Sua preferência por **so** é um indicador da sua atitude avançada em face dos fatos da língua.³⁰

Retornando à análise da Tabela 2, pode-se dizer que Fernão de Oliveira antecipa, nos seus dados, uma situação que só será observada posteriormente. Os dados da Tabela 2 nos deixaram no limiar da fase moderna do português. Segundo a periodização de Bechara por nós adotada, o português moderno estende-se da segunda metade do século XVI até o final do século XVII. É preciso dar especial atenção aos dados dessa fase já que é nela que várias mudanças em curso vêm a ser implementadas.

4.2

Do português moderno ao contemporâneo

³⁰ Cf. cap. XLVII da *Grammatica da lingoagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira (1536). Os dados completos estão nas Referências Bibliográficas.

Neste ponto do trabalho, concentraremos nossas reflexões, primeiramente, em dados das Cartas de Padre Antonio Vieira. Acompanharemos o roteiro seguido por Bomfim (no prelo).

Bomfim propõe analisar num *corpus* das *Cartas de Vieira*:

1. as construções **por** + infinitivo e as introduzidas por **porque** (aglutinado ou com os componentes individualizados), acompanhados de subjuntivo, indicando finalidade e;
2. confrontar essas estruturas com suas concorrentes introduzidas por **para que** + subjuntivo e reduzidas de infinitivo regidas de **para**.

É bom lembrar que, no português atual, a finalidade se expressa por estruturas introduzidas por **para que** e **afim de que**, com o verbo no subjuntivo ou por orações infinitivas regidas das preposições **para** e **afim de**. As orações introduzidas por conjunção têm sujeito diferente do da principal.

Na pesquisa de Bomfim, os dados se distribuíram como apresentado na Tabela 5, por nós transcrita neste ponto do trabalho.

Tabela 5

Estruturas de valor final – Vieira (*Cartas*)

| Transpositores | Total de ocorrências | % |
|-----------------|----------------------|------|
| para | 56 | 45% |
| para que | 55 | 44% |
| por | 6 | 5% |
| porque | 8 | 6% |
| Totais | 125 | 100% |

Consideramos oportuno buscar, no texto de Vieira, exemplos que podem ilustrar os tipos de ocorrência encontrados no *corpus*. Os exemplos a seguir foram

retirados da Carta I, dirigida ao Geral da Companhia de Jesus e datada de 30 de setembro de 1626.

- **Para / para que** expressando finalidade

(55) Acrescentava-se este outro trabalho não menor que (...) **para passarem** avante, iam demandar um rio a que chamam Rio Vermelho (...). (AV, p. 19)³¹

(56) Por esta grande piedade e misericórdia pôs Deus seus piedosos olhos em nós, **para** nos **acudir** e **temperar** o rigor do seu castigo. (AV, p. 22)

(57) (...) investiram-no da nossa parte alguns frecheiros, e com machados o começaram a abrir, metendo-se-lhe debaixo da artilharia (...) porque estavam continuamente com a flecha no arco e os olhos no bordo **para que**, em chegando alguma a ele, antes que fizesse dano o **recebesse**. (AV, p. 30)

(58) (...) seu bom capitão e santo prelado, (...) em oração como outro Moisés, (...) lhes negociava o favor do céu **para alcançarem** vitórias quase milagrosas. (AV, p. 83)

- **Por / porque** expressando finalidade

(59) Tal foi a misericórdia do nosso Deus que quis então tomar em si a maior parte do castigo, **por** não nos **castigar** com outro maior, como nossos pecados mereciam. (AV, p. 20)

³¹ Edição de J. Lúcio D’Azevedo (1925). Os dados complementares estão nas Referências Bibliográficas.

(60) Eram os capitães vinte e sete, e as companhias de vinte e cinco até quarenta soldados, **porque** a multidão em matos e caminhos estreitos, não **impedisse** ou **dificultasse** a peleja. (AV, p. 28)

(61) É **porque** lhes não **faltasse** coisa alguma, com que pudessem impedir-nos a entrada na cidade, semearam ao redor dela, e dentro, nas bocas das ruas, um estrepe de ferro (...). (AV, p. 42)

(62) Os que ficaram nas aldeias não deixaram também de ajudar, trabalhando **por terem** o céu propício (...). (AV, p. 47)

Observando-se os exemplos de (59) a (62), nota-se que as orações introduzidas pela preposição **por** ou pela conjunção **porque**, além de expressarem a finalidade, têm uma ideia subsidiária de causa.

Confrontando estes resultados com os dados da Tabela 2, verifica-se que os percentuais de Vieira estão bem próximos da situação encontrada na *Gramática* de Oliveira e são condizentes com o que foi observado nos textos da frase inicial do português moderno.

Neste ponto, embora seja precipitada uma afirmação categórica, os dados apontam, pelo menos, para uma mudança em fase de implementação. Em outras palavras, há indícios de que construções finais introduzidas por **porque** e **por** estão entrando em desuso.

A exemplo do que foi feito com relação ao século XV, quando propusemos a análise dos dados de um texto informal, propomos uma incursão por um texto sem pretensões literárias, da autoria de um contemporâneo de Vieira, também jesuíta e residente no Brasil. Trata-se da *Jornada dos vassallos da Coroa de Portugal*, do Padre Bartolomeu

Guerreiro (BG)³². Foram selecionados os vinte primeiros capítulos, num total de quarenta e nove (49) páginas. Os dados encontram-se na Tabela 6.

Tabela 6
Por e pera com valor final (BG)

| Preposição | Total | % |
|-------------|-------|-----|
| por | 1 | 1% |
| pera | 82 | 99% |

Transcreveremos a seguir, exemplos retirados do texto do Pe. Bartolomeu Guerreiro (BG).

- **Pera + infinitivo e pera que + subjuntivo**

(63) E conforme as ordens de Olanda, armarão aly oito chalupas grandes de gávea, que hão abatidas em peças nos navios, **pera** se **servirem** dellas na empreza com dous berços de bronze cada huã, e duas roqueiras de ferro. (BG, p. 19 – 20)

(64) E com incansável cuidado, acodio a tudo o que importava **pera** se **aprestar** a ponto. (BG, p. 49)

(65) De sorte que foy geral pronostico de ser indubitável o bom successo dos intentos de Sua Majestade, sendo o divinissimo Sacramento o protetor de todos os seus desenhos, **pera que** não só a jornada da Bahya **sucedesse** com felicidade, mas que a mesma ouvesse em todas as outras emprezas (...) (BG, p. 27)

³² Cf. Referências Bibliográficas.

(66) (...) e porque he justo se saiba o numero, e calidade das pessoas, que sem viverem de officius de milícia foram nesta jornada por aventuras os nomearemos aqui **pera que possam** em futuro seus filhos, e netos seguilos. (BG, p. 39)

O exemplo a seguir foi o único caso de emprego de **porque** + subjuntivo com valor final encontrado na amostra.

- **Porque** + subjuntivo

(67) E por carta de 27 de outubro, ordena Sua Majestade o mesmo e que não achando no Cabo a Dom Fadrique de Toledo, passe a armada de Portugal a Cádiz, **porque** se não vá sem elle. (BG, p. 54)

Com essa proporção, percebemos que, neste texto do século XVII, as ocorrências de **por** com valor final são praticamente inexistentes. É importante considerar que, embora o texto de Padre Bartolomeu Guerreiro seja um relato desprezioso, ele, além de ser contemporâneo, tem a mesma formação de Padre Antônio Vieira, o que indica que o seu desempenho linguístico seja bastante satisfatório.

Ao iniciarmos este trabalho, partimos de uma indagação sobre o emprego de **por** indicando finalidade, encontrado em Machado de Assis, e que transcrevemos a seguir.

(68) Era um desgraçado a quem a mulher deixou **por** seguir um peralvilho.
(MA (1962), v. 2, p.272)

O texto machadiano insere-se na fase contemporânea do português. Até este momento, nosso percurso estendeu-se do português arcaico ao português moderno (século XIII ao XVII).

Os textos de Bomfim, por nós consultados, limitam o tratamento do assunto ao português moderno. Consideramos oportuno estender a análise, contemplando dados dos séculos XVIII a fim de preencher a lacuna entre os séculos XVII (português moderno) e XIX (português contemporâneo), ponto de partida da nossa investigação.

Escolhemos como base para os dados, dois textos:

1. *Cartas Chilenas*, atribuída a Tomás Antônio Gonzaga³³, escrita no Brasil e;
2. Excertos da carta 16^a do *Verdadeiro Método de Estudar*, de Luís Antônio Verney, publicada em Portugal, em 1746³⁴.

As *Cartas Chilenas* começaram a circular em Vila Rica, capital de Minas Gerais, logo após os desentendimentos entre Tomás Antônio Gonzaga e o Governador Cunha Menezes. Não tinham nome de autor e eram uma sátira impiedosa aos desmandos do Governador.

Rodrigues Lapa considera que esse material é efetivamente de Gonzaga e publica as *Cartas Chilenas* no v. 1 das *Obras Completas* de Tomás Antônio Gonzaga, de cuja edição crítica é responsável.

Lembramos que o movimento literário a que o provável autor das *Cartas* se filia é o Arcadismo, terceira fase do Classicismo. Seus seguidores repudiavam os exageros da poesia cultista e defendiam uma volta à simplicidade do século XVI, guardadas as proporções. Com essa observação, queremos ressaltar que a linguagem do Arcadismo prende-se ao estilo em vigor e, assim, pode não ser muito fiel à fala corrente.

Quanto ao texto de Verney, pode ser considerado didático, além de não ter pretensões literárias.

³³ *Obras Completas de Tomás Antônio Gonzaga*. Vol. I. Poesias. *Cartas Chilenas*. Edição crítica de M. Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro: INL, 1957.

³⁴ Utilizamos o texto *apud* Andrade, A. A. *Banha de Verney e a projecção de sua obra*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1980 (p. 105 – 109)

Nas *Cartas Chilenas* encontramos um número significativo de ocorrências de **por** e **porque** com valor final. Talvez isso se dê ao fato de o texto ter pretensões literárias, o que levaria o autor a procurar estruturas semanticamente equivalentes. A quantificação dos dados consta da Tabela 7:

Tabela 7
Expressão da finalidade (*Cartas Chilenas*)

| Preposição | Ocorrências | % |
|-------------|-------------|-----|
| para | 24 | 65% |
| por | 13 | 35% |

Passemos aos dados de Verney.

Tabela 8
Expressão da finalidade (Verney)

| Preposição | Ocorrências | % |
|-------------|-------------|------|
| para | 10 | 100% |
| por | 0 | 0% |
| Totais | 10 | 100% |

A comparação entre as duas tabelas (Verney e *Cartas Chilenas*) revela que, na amostra do texto literário, as estruturas introduzidas por **porque / por** representam 35% do total das ocorrências de valor final, demonstrando que há sinonímia entre as construções. Em face dos dados de Verney pergunta-se se esta situação revela uma estrutura em extinção ou se nas *Cartas Chilenas* observa-se variação estilística.

Nossa opinião é favorável à variação estilística, com apoio nos fatos que se seguem:

1. a mudança linguística não tem retorno; não é possível voltar a uma situação anterior;

2. pelos dados do português moderno, sobretudo comparando-se os percentuais da Tabela 2, relativos a João de Barros, Camões e os percentuais dos dados de Vieira (Tabela 5), além dos dados da Tabela 6, relativos ao texto do Pe. Bartolomeu Guerreiro, fica patente que o emprego de **por/ porque**, no português moderno é estilístico.

Do mesmo modo, na amostra do português contemporâneo dos séculos XVIII e XIX, só aparecem ocorrências de **por/porque** expressando finalidade nos dados de textos literários. Na pesquisa realizada em textos de autores do século XX, tais como José Lins do Rego e Jorge Amado, a não ser por omissão involuntária de nossa parte, não foram encontrados empregos da preposição **por**, nem da conjunção **porque** indicando finalidade.

Cremos já contar com subsídios suficientes para responder às indagações propostas na introdução deste trabalho, que serviram de ponto de partida para as reflexões que vimos encaminhando até este momento. No próximo capítulo, faremos as considerações finais.